



## O terreno bendito do próximo: a arriscada peripécia na abertura dialogal com o próximo

*Antonio Carlos Coelho\**

### Resumo

A humanidade sempre buscou e busca formas e/ou inovações tecnológicas que permitam a comunicação e o seu progresso cultural, o que implica na percepção do uso da linguagem como fator de desenvolvimento. A vivência relacional entre os seres humanos e a sua aptidão para o diálogo é um exercício vital para a sustentação da harmonia, afastar hostilidades bem como aproximar diferenças. A relacionalidade é uma descrição rotineira na vida social do ser humano, diante de uma diversidade cultural, a humanidade desenvolveu mecanismos e competências que favoreceram a construção de uma ética que beneficie a formação de um diálogo e de um encontro dialógico. E essa forma de existir, envolta a maneira de se relacionar, implica em uma produção de ideias e doutrinas que circulam e se influenciam mutuamente nos mais variados setores da vida social, chegando ao campo religioso. A religião como fenômeno social não escaparia a esta realidade pluralista de valores religiosos e de suas crenças. Nesta alteridade no atual processo de globalização, permeado pelas facilidades de difusão de valores culturais, podemos compreender que este processo globalizante se torna ameaçador para algumas culturas, vindo a fortalecer a construção de um pensamento conservador e fundamentalista. Como promover uma convivência, em que pontos de encontros sejam promovidos por uma ideia de igualdade e de tolerância? A presente pesquisa entende que a diversidade cultural é, antes de tudo, um fato. Neste sentido, ponderar como o diálogo, dentro das disparidades existentes pode encontrar elementos comuns que indicam um caminho de abertura favorecendo a descobertas nas quais a diferença se torna um estímulo para continuar a evoluir e a mudar, é um dos pontos deste estudo. A relevância deste trabalho se encontra não somente na explicação sobre os termos e conceitos, mas por apresentar uma reflexão sobre a abertura ao diálogo proposta pela Codificação Espírita, localizada na filosofia do diálogo e na sua práxis, com base na coexistência pacífica aliada a um respeito à diversidade religiosa, favorecendo a uma abertura para um diálogo e ao encontro com o seu próximo. Neste contexto, a proposta do diálogo inter-religioso e intercultural surge com grande intensidade, favorecendo a unificação de grupos bem como assegurando o equilíbrio social no qual o exercício vital de hospitalidade, doação e entrega ao Mistério significa antes de tudo uma abertura a nova conversação dialogal e certo grau de tolerância ao se habilitar a caminhar no solo sagrado do outro, buscando uma unidade que preserve e salvasgarde a diferença e a liberdade. Diante do exposto, o objetivo dessa comunicação é responder a esses questionamentos demarcando a identidade cristã a partir da reflexão.

---

\* Mestre em Ciência da Religião pelo PPGCR-PUC/Minas. E-mail: coelhomil@hotmail.com.



**Palavras-chave:** Relacionamento. Evolução. Espiritismo. Panikkar. Diálogo inter-religioso.

## **Introdução**

A espiritualidade como fonte de toda a humanidade, força interior de admissão ao absoluto, advém desde que passamos a existir como indivíduos espirituais e imortais. Nesse sentido, cada ser humano é um ser sui generis e sua evolução fica a cargo de seu ritmo. Portanto, a humanidade está em constante edificação, que se dá a partir do contato com os outros, na sua coexistência.

Somos impulsionados para uma convivência irmanada e pacífica composta por um ambiente de respeito à alteridade e liberdade religiosa, promovendo uma racionalidade que permite ao ser humano se adaptar dentro do meio em que vive e a evoluir por distintas vias.

O presente trabalho visa analisar a relacionalidade humana diante de uma diversidade cultural e religiosa, a partir os preceitos da Codificação Espírita. Localizada na filosofia do diálogo e na sua práxis, entende-se que seus dispositivos promovem abertura ao diálogo.

Da mesma forma pretende-se buscar nos aportes conceituais de Panikkar e de autores que trabalham com o conteúdo de pensamento deste Mestre, ferramentas conceituais que permitam consubstanciar este pensamento de abertura para um diálogo e ao encontro com o seu próximo.

A primeira parte do trabalho é composta por uma análise da pré-disposição da humanidade em se relacionar, como sendo uma essência capaz de dirigir o seu progresso propiciando uma construção de um mecanismo de comunicação, que tem por finalidade não só alcançar a sua auto compreensão, mas também, de buscar um entendimento com outro autor.

A segunda parte entende-se que diversidade cultural é, antes de tudo, um fato. Ponderar como o diálogo, dentro destas diferenças, pode encontrar elementos comuns que indicam um caminho de abertura favorecendo a descobertas de que na diferença um estímulo para continuar a evoluir e a mudar, é um dos pontos deste estudo.

E por fim, entender como o diálogo inter-religioso apresenta-se como uma necessidade do mundo contemporâneo para entender o terreno bendito do próximo. Não em uma visão unitária, mas reconhecendo pontos mínimos de intercessão que favoreçam o cultivo e a valorização da diferença e do mútuo aprendizado.



## **A constante abordagem relacional entre os seres humanos**

Para a Doutrina Espírita o ser humano constitui um valioso elemento de análise, dentro do processo de evolução espiritual, indispensável para entender o relacionamento e o processo dialógico que os envolve. Envolto em um processo contínuo, construído socialmente de modo que se pode identificar, dentro deste aperfeiçoamento ao longo dos anos, uma visão de mundo.

A diversidade humana possibilitou a formação de distintas culturas<sup>1</sup>, valores, conhecimentos, padrões sociais e religiosos, estilos e maneiras de agir, com a finalidade de substanciar uma sociedade e consequente continuidade de um estilo de vida. Este conjunto plural construiu visões de mundo que, em um primeiro momento, fundamentou miopias fragmentadas que distorceram a percepção e as relações inter-humanas, impossibilitando a compreensão de um sistema complexo de pensamentos e de experiências.

Mas a humanidade não pode se fixar em teias tecidas por suas culturas, deve-se avançar na interpretação destes conceitos e vislumbrar as alteridades culturais de cada povo, tendo princípios fundamentais a relação de interação e a dependência de um ser humano para com o outro, construindo pontes facilitadoras de encontro e de diálogo.

Para Brasil (2002), se o humanismo é a única forma autêntica de ação sobre a humanidade, este deve ser respeitado em toda a sua individualidade durante o seu processo de formação de sua personalidade. Mas, em atenção a esta constante formação, o outro não pode ser entendido como sendo uma ameaça, pois ele é somente um forasteiro que nos visita, conforme é apontado por Lévinas (1993).

Como assevera na sua questão 768, do Livro dos Espíritos, nenhum ser humano “possui faculdades completas. Mediante a união social é que eles umas às outras se completam, para lhe assegurar o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os seres humanos foram feitos para viver em sociedade e não insulados”. (KARDEC, 2009, p. 241).

Uma vez que a humanidade existe ela evolui (BRASIL, 2002), mas não apenas em ideias ou em conceitos, mas como um aprimoramento que resulta na ação de estar apto para o próximo passo, que envolve rever suas atitudes e opiniões a respeito de si e o meio que o rodeia.

---

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre a definição de Cultura ver: ABBAGNANO, 2007; GEERTZ, 2008.



Continua a autora que

historicamente, toda vez que um sistema de crenças, que proporciona à comunidade e a cada um de seus membros uma certa estabilidade, é posto em questão, produz-se uma instabilidade em torno das noções do ser, do nada, da aparência, do pensar, do devir, do valor, do dever do ser. [...] O pensar é uma qualidade do ser, a visão direta do que é”. (BRASIL, 2002, p. 212-213).

Atendendo a um chamamento contínuo de evolução, a humanidade edificou formas racionais bem como inovações tecnológicas e instrumentos pedagógicos, tornando possível a superação, de certo modo, de seus sentimentos e emoções, levando-a compreender o seu papel como ser ontológico e social.

Por certo que é

impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado. (BACHELARD, 1996, p. 18).

Os conhecimentos brotados a partir de esse rejuvenescer espiritual produzem conjecturas analíticas que conduzem o ser humano à um árduo procedimento de aperfeiçoamento individual. Ao se perceber como sendo agente ativo e passivo da ação social, a humanidade foi capaz de desenvolver habilidade de relação interpessoal, uma transformação moral, que reorientando o pensar e repensar dos valores e atitudes proporcionou um progresso de respeito ao outro.

Esta transformação moral não objetiva uma unicidade, pelo contrário, baseada no pluralismo do próximo reconhece valores mínimos comuns, válidos para todos. Segundo Cortina (2008, p. 145), estes “valores que compõem esse mínimo comum configuram uma ética cívica que é a pedra angular para construir as diversas éticas profissionais, bem como a ética das instituições e das organizações”.

O relacionamento com outras culturas, mesmo que composto de distintos códigos culturais, propiciou de certa forma o desenvolvimento de uma consciência moral dentro da vida cotidiana, o que vem demonstrar uma sociabilidade marcada por ações comuns, dentro de conceitos e formulações de uma ética de mínimos.

Merino (2012, p. 133), se refere a esta ética como sendo condições e comportamentos mínimos de convivência, que

tem a ver com o desejo geral de encontrar uma melhor comunicação e compreensão, incluindo as necessidades básicas de toda cultura e/ou civilização para tornar mais amigáveis os relacionamentos



inevitáveis com outros. Esses deveres e direitos mínimos são chamados como ética de justiça e constituem o momento deontológico da ética. (Tradução nossa).<sup>2</sup>

E estes relacionamentos inevitáveis com o seu próximo, para Panikkar, torna-se um traço marcante na vida do ser humano. O autor acredita na possibilidade de uma experiência profunda e partilhada com tradições distintas como algo natural e inquestionável a partir deste relacionamento. (TEIXEIRA, 2012, p. 69).

A crença presente na Codificação (2009) fixa em uma evolução constante do espírito humano como uma questão de aprendizagem proporcionada pela experiência plural do relacionamento. Não se pode esquecer que o ser humano é um ser de relações, como lembra Buber (1979), que se se constituem como essência na interação e revelação constante ao seu próximo, pois somente nos tornamos humanos por meio de outros seres vivos.

A pluralidade humana não permite uma concepção de exclusivista, tornando este ato um equívoco para o desenvolvimento espiritual, pois é na diferença que se consolida o aprendizado que o torna universal. Uma sociedade não se constitui como algo hermético, pois coexistem em uma mesma coletividade diferentes opiniões que fundamentam uma tradição cultural.

Panikkar defende essa perspectiva, por entender que nenhuma cultura é completa em si mesma e que a partir das incompletudes precisamos buscar o encontro entre as diferentes culturas, “daí o seu reconhecimento do valor do pluralismo, entendido como uma das mais enriquecedoras experiências da consciência humana, e do imperativo da alteridade, como enriquecimento do singular”. (PANIKKAR, 1993, p. 353-356, *apud*, TEIXEIRA, 2012, p. 122).

Por certo que a convivência pluralista torna-se um desafio, mas para o autor, esse chamamento é possível de ser realizado sem prejuízo de comprometer a própria composição do ser, tornando plausível “alguém penetrar de modo existencial e vital [...] de encarnar-se numa outra cultura, de penetrar sua linguagem e partilhar o seu mundo. Tudo isso de forma natural [...]”. (FAUSTINO, 2012, p. 75).

---

<sup>2</sup> No original: —La ética de mínimos hace referencia a las condiciones y comportamientos mínimos de convivencia comunes en los diferentes ámbitos sociales en el mundo, tiene que ver con el deseo general de encontrar una mejor comunicación y entendimiento, incluyendo las necesidades básicas de toda cultura y/o civilización para hacer más amigables las inevitables relaciones con los demás. Estos deberes y derechos mínimos son denominados como éticas de justicia y constituyen el momento deontológico de la ética||. Para maiores informações sobre ética de mínimo ver: CORTINA, 2008.



A Codificação Espírita (2009) entende que projeto evolutivo do ser humano “deve ser provisório, atual, e receptivo às motivações que ocorram no sistema, atualizar-se permanentemente” (BRASIL, 2002, p. 211), proporcionando a aquisição de uma nova consciência pluralista na qual a singularidade e pluralidade se permitam conviver. Este movimento marca uma conjuntura de atributos que capacita a humanidade a transcender e surpreender a si mesma, ao possibilitar ao ser humano valorizar o contraste, a distinção, a diferença, em uma difícil tarefa de habitar o mundo e transformá-lo.

A vivência relacional entre os seres humanos favorece a uma aptidão para o diálogo como exercício vital para a sustentação da harmonia, em que as hostilidades são afastadas, favorecendo uma aproximação das diferenças. Nesse universo plural, como compreender o processo relacional humano por meio do diálogo?

### **Uma constante aptidão para o diálogo presente na humanidade**

A experiência relacional é uma descrição rotineira na vida social do ser humano, diante de uma diversidade cultural, a humanidade desenvolveu mecanismos e competências que favoreceram a construção de uma ética que beneficie a formação de um diálogo e de um encontro dialógico.

A expressão “diálogo” apresenta-se como uma necessidade do mundo contemporâneo. Para Martin Buber a vida dialógica “não é uma vida em que se tem muito a ver com os homens, mas é uma vida em que, quando se tem a ver com os homens, faz-se isto de uma forma verdadeira”. (BUBER, p. 54, 1982).

Assim, na experiência dialógica alojam-se as expectativas de uma abertura ética para criarmos um mundo comum. Esse encontro deve ser percebido, segundo PANASIEWICZ (2015), como sendo uma possibilidade de aprofundamento e de fortalecimento da identidade que, ao se abrir para a alteridade, patrocina e instiga transformações coletivas, irrompendo fronteiras em busca do entendimento e da harmonia com o próximo.

A Codificação Espírita (2009) em seus assentamentos aponta a responsabilidade da humanidade em favor deste irromper fronteiras em busca do entendimento e da harmonia com o próximo, ao afirmar que será o ser humano

que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará cair os preconceitos de casta e se caem os antagonismos de seitas, ensinando-os a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros”. (KARDEC, 2009, p. 363).





Nesse sentido, o diálogo, como instrumento hermenêutico humano, estabelece como um processo de interpretação do cenário social e das representações presentes à sua consciência.

É impressionante o poder do diálogo. Remontando à antiguidade Grega, encontramos-lo na base de todo o desenvolvimento filosófico. Sócrates o empregou na sua maiêutica, um sistema especial de dialogar para arrancar a verdade do íntimo de cada um. Mas antes de Sócrates temos o diálogo de Pitágoras com Orfeu. O filósofo matemático opunha-se às teses místicas de Orfeu, poeta e músico lendário que foi, ao mesmo tempo, o profeta-revelador do Orfismo, a religião arcaica da Grécia. E desse diálogo nasceu a síntese pitagórica, dando origem à Filosofia como indagação consciente da Razão. (XAVIER; PIRES, 1974, p. 7).

Na constituição do ser humano existe uma vontade de transcender a sua individualidade levando-o a buscar constantemente uma relação inter-humana, uma interação que se propaga por este mundo por meio de uma ação comunicativa baseada em uma dinâmica dialógica com outros atores e essas relações extrapola o sentido social.

Por certo, não se pode esquecer da influência da cultura na qual está inserido o ser humano, influenciando deste modo a ação do diálogo e do encontro na vida do Ser. Ver o mundo é ver a sua totalidade e não as particularidades. A humanidade mesmo com as suas ambiguidades integra essa totalidade mundial.

O sistema de representações ou significados, como uma operação da inteligência humana, é responsável por criar um arquétipo modelar em cada cultura, produzindo um sistema em que “ver o Outro é controlá-lo, analisá-lo, descrevê-lo e mesmo compreendê-lo como parte de uma totalidade, excluindo, o ouvir como apreensão de sua distinção enquanto liberdade”. (SANTOS, 2017, p. 100).

Portanto, escutar o Outro torna-se

um processo de libertação, pois deve ultrapassar a dominação do ver, presente na filosofia ocidental e trazer o Outro para a proximidade do ouvir que se dá por via analógica, na qual pode haver o reconhecimento das semelhanças e distinções assim como das proximidades e distancias, o que o preserva como liberdade e se abre à perspectiva da pluriversalidade. (SANTOS, 2017, p. 101).

Entre as diferentes formas e famílias de imagens de civilização e considerando o caráter interativo do processo pedagógico do diálogo, os indivíduos fortalecem a compreensão da relação entre o eu e o outro, bem como a capacidade de ouvi-lo ampliando a discussão de um discurso ético, com largas consequências para a educação de uma sociedade pluralista.

O diálogo atua como força escavadora da própria identidade humana, sendo capaz de fundamentar uma harmonia, sintonizando o indivíduo com a pluralidade, com a diversidade cultural que o cerca propondo um diálogo de reciprocidade. E na medida em que ser humano



age no mundo e se relaciona com outros seres, por meio do diálogo, vão despertando estes seres para outros tipos de consciência.

O mundo do ser humano se constitui de encontros dialógicos e neste sentido o diálogo apresenta significados que se constituem em verdadeiras reflexões acerca de elementos da experiência vivida pelo Ser, emergindo como transformador. Como ferramenta fenomenológica, possibilita o encontro de elementos conjunturais de variados campos, em especial o religioso, se destacando como categoria significativa para os estudiosos na atualidade para os cientistas da religião.

E essa forma de existir, envolta a maneira de se relacionar, implica em uma produção de ideias e doutrinas que circulam e se influenciam mutuamente, nos mais variados setores da vida social chegando ao campo religioso.

A religião como fenômeno social não escaparia a esta realidade pluralista de valores religiosos e de suas crenças. Nesta pluralidade no atual processo de globalização, permeado pelas facilidades de difusão de valores culturais, podemos compreender que este processo globalizante se torna ameaçador para algumas culturas, vindo a fortalecer a construção de um pensamento conservador e fundamentalista.

Como promover uma convivência, em que pontos de encontros sejam promovidos por uma ideia de igualdade e de tolerância dentro do diálogo inter-religioso?

### **A seara bendita do diálogo inter-religioso a serviço do próximo**

O próprio campo religioso como fenômeno social não escaparia a esta realidade pluralista, bem como a circularidade cultural ao longo do tempo. Este campo apesar de sua evolução, ainda se aprisiona em seus valores particulares, buscando resguardar a todo custo suas tradições e seus valores evitando deste modo uma a viagem ao mundo sagrado do outro.

Para a Codificação Espírita (2009) o velho discurso sem prática deverá ser substituído por efetiva renovação educação moral. É a etapa da fraternidade na qual a ética do amor será eleita como meta essencial, desvendando caminhos, quebrando preconceitos e suscitando um passo seguro na direção de uma auto compreensão.

Esse novo tempo propõe um desafio que vai para além do exclusivismo religioso, um interstício para uma nova dinâmica relacional e dialogal, que resguarda a particularidade de





cada uma das tradições envolvidas, mas que permite uma ação de entrar reciprocamente em dois princípios, proporcionando novos rumos para mudança da própria humanidade.

Mas a proposta de um diálogo de irmãos parece um desafio para alguns fundamentalistas, ao ser entendido como uma armadilha de coligações que ao promover o relativismo ou uma forma de partidarismo, em que objetiva reunir todos em torno de uma fé diferente da sua.

Por certo que a pluralidade cultural e religiosa é temida por estes setores conservadores, que descartam um pluralismo de princípio, que é, em um sentido mais amplo, o reconhecimento da diversidade. Tal negativa se faz, por entenderem que a diversidade religiosa não é uma proposta e nem um objetivo divino. Deste modo, a verdade conhecida como absoluta gravada em cada denominação religiosa torna-se única e as permanências destes valores vitais impedem que a sociedade religiosa se pluralize e se humanize.

A diversidade é entendida pela Codificação (2009) como realidade irremovível da seara humana, sendo utopia e inexperiência descartá-la ou ignorá-la. O que se busca é um interagir com o meio, em permuta incessante de valores e experiências, que permitem que as religiões saiam da sua condição de isolamento para cumprir sua missão transformadora de seres humanos. E neste caminhar passe a delinear a formação de uma rede de intercâmbios, fenômeno esse que vem abarcando a humanidade inteira sob a designação de globalização.

Este é o desafio lançado às religiões e ao movimento religioso espírita brasileiro, como aceitar um convite tão radical? Como realizar esta trilha com uma atitude de alteridade, de experiência profunda e partilhada com tradições religiosas distintas? Como peregrinar sem perder a forma de seus valores?

O item 32, do capítulo XVII da “A Gênese” apresenta a seguinte proposição de que o que alimenta o antagonismo

entre as religiões é a ideia, generalizada por todas elas, de que cada uma tem o seu deus particular e a pretensão de que este é o único verdadeiro e o mais poderoso, em luta constante com os deuses dos outros cultos e ocupado em lhes combater a influência. Quando elas se houverem convencido de que só existe um Deus no universo e que, em definitiva, Ele é o mesmo que elas adoram sob os nomes de Jeová, Alá ou Deus; quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais da Divindade, compreenderão que, sendo um único o Ser, uma única tem que ser a vontade suprema; estender-se-ão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai e, assim, grande passo terão dado para a unidade. (KARDEC, 2013, p. 340).

Talvez o próprio movimento religioso espírita brasileiro não tenha compreendido a totalidade da própria Codificação que se abre a uma experiência religiosa pontuada pela



fecundação da alteridade, plenificando uma ética de fraternidade e hospitalidade para com as demais tradições religiosas.

Para Pereira (2000, p. 58) temos como

certo que as barreiras de aproximação estão mais frágeis que se imagina em alguns setores, embora muitos apostem na impossibilidade de rompê-las. Falta habilidade para conduzir processos que desafiam a inteligência das direções segmentares e, não propriamente, o desejo de efetivá-las. Precisaremos todos de muita humildade para construir um terreno neutro, [...], e de muito amor para garantir perpetuidade às novas relações de pluralismo e convivência com as diferenças.

A relacionalidade, característica de uma humanidade plural, é uma ação simples para a vida como aponta Teixeira (2012, p. 76) na obra de Panikkar, ao

acreditar na possibilidade de uma experiência profunda e partilhada com tradições religiosas distintas é para ele algo natural e inquestionável. Vai ainda mais longe ao sustentar que aquele que não consegue fazer uma tal experiência interreligiosa, brotando do íntimo do coração, ainda que de forma incoativa, corre o risco de tornar-se um fanático. O caminho da autenticidade passa, necessariamente, pela abertura radical do coração ao mundo da diferença e da diversidade.

A relevância da experiência inter-religiosa passa “pela abertura radical do coração ao mundo da diferença e da diversidade”, ao fornecer uma compreensão da vida do outro que se expressa na estrutura de sua cultura. Assim as culturas vão se modificando e, por consequência, possibilitando a transcendência entre os indivíduos, pois, “além da nova consciência que terão de si no espelho do outro, poderão revisitar seus objetivos, atuação social e traçar novas metas”. (PANASIEWICZ, 2014, p. 8).

Para a Codificação Espírita (2013) a experiência inter-religiosa é uma provocação a profundidade da fé do próprio ser diante da profundidade da fé do Outro. E nesta inquietude da fé transcendente que o indivíduo vai experimentar a sua singularidade auscultando a sua própria experiência de profundidade. Esta ação, segundo Boff (2014, p. 2), de profundidade singular proporciona ao ser humano uma emersão “[...] de seu profundo apelo de compaixão, de amortização e de identificação com os outros e com o grande Outro, Deus”. (BOFF, 2014, p. 2).

A fronteira na qual se encontra o terreno bendito do próximo é um convite ao diálogo e a convivência, o que ensina Panikkar, que se deve ser sempre um buscador permanente, “um peregrino que caminha com segurança por caminhos inexplorados”. (TEIXEIRA, 2012, p. 78), peregrinar no sentido de mergulhar, de se dirigir para o centro do outro.

Para a Doutrina Espírita (2009) este caminhar bendito para interioridade do próximo, possibilita uma renovação de conceitos bem como a reciclar métodos, tanto para o Ser como para as instituições religiosas, e aqui coloco o movimento religioso espírita brasileiro. Para



que atinjam patamares de liberdade espirituais, é necessário que saiam de seus isolamentos e campos secos, para novos horizontes. Observa-se que ainda falta a essa instituição indivíduos que se disponham a dividir experiências ou a construir um ambiente que se constitua verdadeira oficina de ideias e de diálogo para a criação de caminhos novos, dificultando a uma abertura dialogal com o próximo.

### Conclusão

A diversidade cultural e pluralidade religiosa não são, na visão da Codificação Espírita, empecilho para o relacionamento e o diálogo. Apesar das diferentes doutrinas presentes nas mais variadas denominações religiosas, sempre há uma possibilidade de convergência, de busca de um valor comum.

Não se procura um unitarismo religioso, mas um cultivo e a valorização da diferença e do mútuo aprendizado, não dentro das esferas religiosas, mas no interior de cada ser humano onde habita um Deus presente que age ativamente. Portanto, se Deus está presente em cada ser humano, para a Codificação Espírita não há do que falar de religiões adversárias, pois, no processo de evolução cada ser humano está em uma face progressiva de esclarecimento espiritual.

Esta evolução, progressiva ao longo das diversas encarnações, aprimora o sentido do relacionamento entre os seres humanos bem como a sua capacidade de conceber e de ressignificar a própria concepção da imagem de Deus e de seu relacionamento com este Ser absoluto.

O processo ao longo do tempo, segundo o Livro dos Espíritos, como progresso espiritual do ser humano, visa conscientizá-lo de sua participação no todo, em que minimiza conflitos contribuindo deste modo para ação de escuta a seu próximo, e esta relação irmanada facilita a construção de um discurso inter-religioso.

A finalidade da Codificação Espírita, segundo *O Livro dos Espíritos*, é auxiliar as demais religiões, fornecendo bases científicas para que estas enfrentem suas dúvidas e meios de sustentar seus princípios diante da ciência. O Espiritismo não é e nem pretende ser uma religião social, uma vez que não disputa um lugar entre as igrejas e as seitas, mas quer apenas ajudar as religiões a completarem a sua obra de espiritualização dos seres humanos pelo mundo.



O testemunho de Panikkar em que começou “como um cristão, descobri que era hindu e retornei como budista, sem jamais ter deixado de ser um cristão”, mostra o percurso que a humanidade deve seguir. A Codificação Espírita apoia este pensamento ao não condenar as religiões, elas são todas boas. O que deve ser combatido é o sectarismo espiritual, pois, para continuarem boas, é necessário que não estacionem nos estágios inferiores, já superados pela evolução humana.

### Referência

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária*. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- BRASIL, Maria Auxiliadora de Souza. *Da psicoterapia analítico-fenomenológico-existencial*. Belo Horizonte: Cepafe, 2002.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do diálogo*. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: 1982.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles Von Zubem. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CORTINA, Adela. *Aliança e contrato: política, ética e religião*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: IS.reimpr, 2008.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (1897-1978: Paulo VI). CARTA ENCÍCLICA de Sua Santidade o Papa Paulo VI - *Gaudium et spes* sobre a igreja no mundo actual. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh\\_encyclica\\_gaudium\\_spes.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh_encyclica_gaudium_spes.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 17.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Salvador Gentile. Araras: IDE, 2009.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MERINO, Patrícia Luna. *Ética de máximos e mínimos*. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGxhbWF0aW5pb25saW5lLmNvbXx3d3d8Z3g6NWM4NjZjNzhjNGZiODg3Zg>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- OLIVEIRA, João Paulo Almeida Siqueira de. *O Espírito da comunicação*, Juiz de Fora: UFJF, 1.SEM.2005.
- PANASIEWICZ, Roberlei. Apresentação. In: VITÓRIO, Jaldemir; PANASIEWICZ, Roberlei. *Espiritualidade e dinâmicas sociais: memória; perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- PANASIEWICZ, Roberlei. *Imagens de Deus na Evangelium Vitae: o diálogo inter-religioso a favor da vida*. Rev. Pistis Prax. Curitiba. v. 7. n. 3. p. 705-725. set./dez. 2015.



- PEREIRA, Cícero (Espírito). *Seara Bendita*. [Psicografado por] Maria José C. Soares de Oliveira; Wanderley Soares de Oliveira. Belo Horizonte: SED, 2000.
- SANTIAGO, Maria Betânia do Nascimento. *Diálogo e educação: O pensamento pedagógico de Martin Buber*. Fls. 346. Tese (Doutorado). UFP: 2008.
- SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. *Psicologia fenomenológico-existencial e pensamento decolonial: um diálogo necessário*. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n3/a07.pdf>>. Acesso em: 25 Jul. 2017.
- SANTOS, Maria de Jesus dos. *A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira*. Cadernos do PET Filosofia, Vol.5, n.10, Jul-Dez, 2014, p.01-11.
- TEIXEIRA, Faustino. *Buscadores de diálogo. Itinerário inter-religiosos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber*. Horizonte. Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 941-968, abr./jun. 2015.
- XAVIER, Francisco Cândido; PIRES, José Herculano. *Diálogo dos Vivos*. São Bernardo do Campo: GEEM, 1974.